

7. GAZA, PRISÃO A CÉU ABERTO

A Faixa de Gaza é um território palestino de 365 km², com 2,1 milhões de habitantes, dois terços dos quais refugiados da limpeza étnica de 1948 associada à criação do Estado de Israel.

Embora em 2005 Israel se tenha «retirado» da Faixa de Gaza e tenha desmantelado os colonatos aí existentes, conservou o controlo da fronteira, do espaço aéreo e das águas territoriais. Por essa razão, a ONU considera que a Faixa de Gaza continua sob ocupação militar israelita.

Os Acordos de Oslo estipulavam que Cisjordânia e a Faixa de Gaza deveriam ser mantidas como uma unidade territorial única, respeitando o normal movimento de pessoas, sem obstáculos. Porém, a realidade é precisamente a oposta. O propósito de Israel é criar sociedades separadas nos dois territórios palestinos ocupados, impossibilitando na prática a criação do Estado palestino.

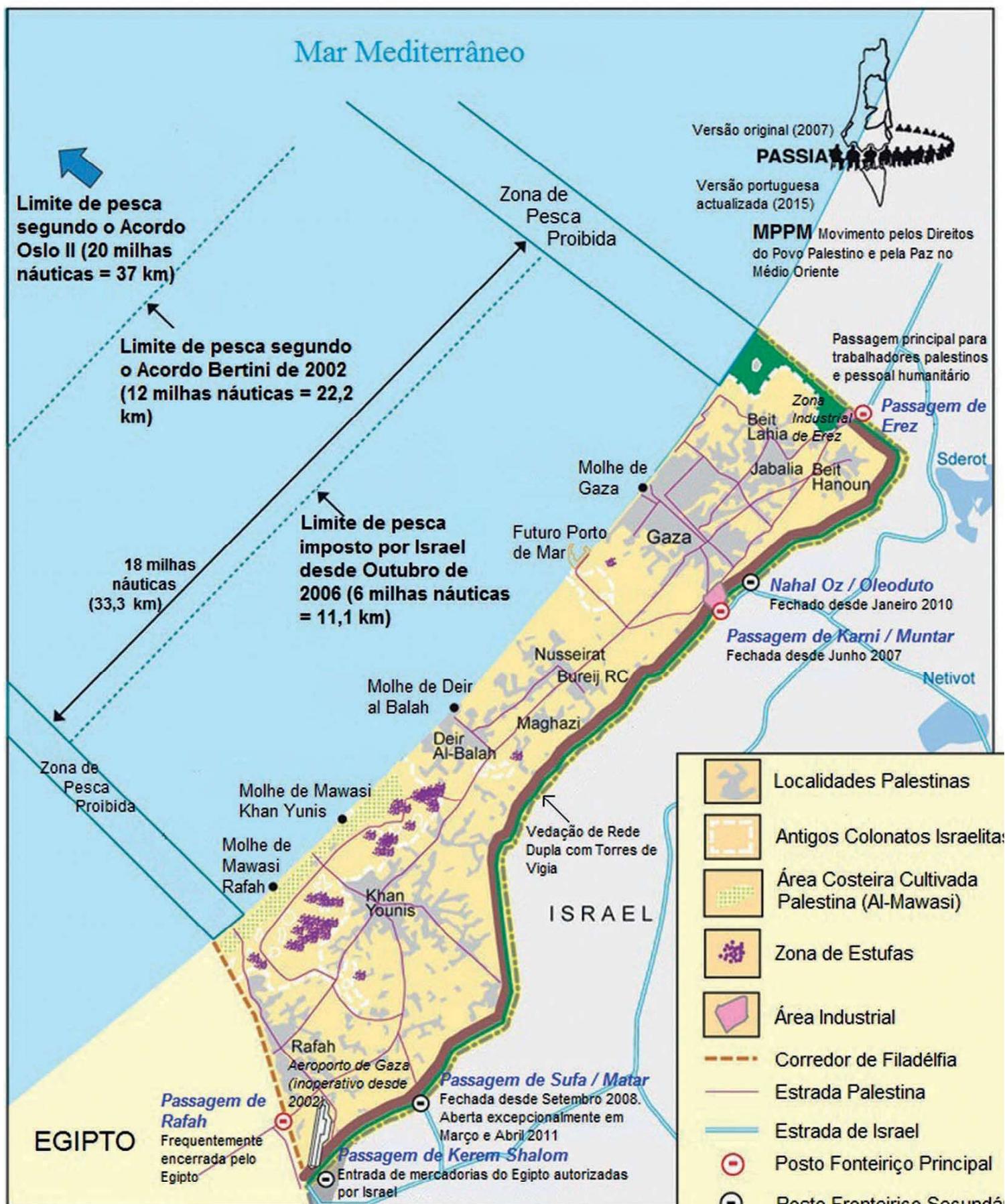
Gaza está sujeita a um bloqueio por parte de Israel e do Egipto, que se vem agravando desde 2007 e é descrito pela ONU como «a negação de direitos humanos básicos em contravenção do direito internacional».

Sendo actualmente a maior prisão a céu aberto na história da humanidade, foi declarada pela ONU como inabitável a partir do ano de 2020.

O bloqueio restringe severamente importações e exportações, assim como o movimento de pessoas tanto no interior da Faixa de Gaza como para fora do território, o acesso a terras agrícolas e o acesso ao mar para a pesca.

A pesca só é permitida por Israel até ao limite de 6 milhas náuticas (cerca de 11 km) — sendo frequentemente restringida ou mesmo totalmente proibida — e a agricultura está interdita, ou é praticada com risco de vida, numa faixa de 1 km ao longo da barreira de separação com Israel.

Faixa de Gaza 2015



Zona Tampão

Faixa entre 150 e 1000 metros com acesso limitado pelas Forças Israelitas. Movimentos sujeitos a frequente fogo de aviso.

Zona de Exclusão Norte

Cobre os antigos blocos de colonatos do norte. O movimento na área está restrito a residentes e organizações internacionais desde 28 de Dezembro de 2005.



Em 31 de Maio de 2010, comandos israelitas assaltaram, em águas internacionais, o navio Mavi Marmara, matando 10 activistas. O navio integrava a «Flotilha da Liberdade», que tinha saído de Istanbul e transportava 10 000 toneladas de ajuda humanitária para a Faixa de Gaza, no valor de 20 milhões de dólares.

Há só dois postos fronteiriços para a passagem das pessoas: Rafah, para o Egipto, e Erez, para Israel. Um terceiro posto — Keren Shalom — destina-se à passagem de mercadorias autorizadas. Os horários de abertura são muito restritos e por vezes os postos são encerrados por longos períodos.

A Faixa de Gaza tem sido alvo de frequentes agressões israelitas:

- No ano de 2001, Israel destruiu o Aeroporto Internacional de Gaza, assim assegurando o controlo total do espaço aéreo.
- De 2008 para 2009, a operação «Chumbo Fundido» saldou-se com a morte de 1440 palestinianos, 920 dos quais civis, e a destruição de milhares de edifícios.
- No ano de 2012, a operação «Pilar da Defesa» causou a morte a 167 Palestinos, incluindo 35 crianças.
- No ano de 2014 a operação «Margem Protectora», com a duração de 50 dias, resultou em mais de 2200 mortos, entre os quais 500 crianças, e 11 000 feridos palestinianos, além de enormes destruições de edifícios privados e públicos (perto de 20 000), incluindo escolas e hospitais.

- No ano de 2021, a operação «Guardião das Muralhas», com a duração de 11 dias, saldou-se com a morte de 260 palestinos, 60 dos quais crianças, e a destruição de 1000 edifícios, entre os quais a torre que albergava as maiores cadeias de informações mundiais.

Como resultado da desesperada situação em Gaza, em 30 de Março de 2018 dezenas de milhares de palestinos começaram a participar nas manifestações semanais, não violentas, da «Grande Marcha do Retorno». A brutal repressão israelita provocou, em dois anos e meio, mais de 230 mortos e 33 000 feridos palestinos.

A população da Faixa de Gaza depende para a sua sobrevivência da ajuda internacional, maioritariamente canalizada através da UNRWA, a agência da ONU para apoio aos refugiados palestinos. Mas esta tem visto a sua acção limitada devido a cortes no seu financiamento.



Em 1994 Israel iniciou a construção de uma barreira com 55 km de extensão que isola a Faixa de Gaza a norte e leste (em cima, à esquerda). Acompanham-na uma barreira subterrânea, provida de sensores, iniciada em 2017, e uma nova barreira de aço com 6 m de altura, iniciada em 2020 (em cima, à direita). A sul, o Egipto está a construir, ao longo dos 14 km da sua fronteira com a Faixa de Gaza, uma barreira de aço com 7 m de altura, paralela a um muro de betão (em baixo, à esquerda). Para completar o cerco, Israel construiu uma barreira marítima com 200 m de comprimento, 50 m de largura e 6 m de altura, a norte do litoral de Gaza (em baixo, à direita).

As condições de vida dos habitantes da Faixa de Gaza são sub-humanas, com graves restrições no acesso a água, electricidade e saneamento básico, falta de cuidados básicos de saúde e de condições mínimas de reconstrução.

De acordo com dados de organizações internacionais:

- 64% dos palestinos da Faixa da Gaza encontram-se em estado de pobreza.
- O desemprego em 2020 atingiu 49%, tendo sido considerado um dos mais elevados do mundo.
- O desemprego afecta dois terços das mulheres e dos jovens. 95% da população não têm acesso a água potável.

O Banco Mundial estima que sem os conflitos e o bloqueio, o PNB da Faixa de Gaza poderia ser quatro vezes maior.